



**Breve
crônica da
RADIO
LOGIA
SERGIPANA**

**Ou da formação de um radiologista
e a evolução do radiodiagnóstico**

Gilmário Macêdo de Oliveira

© Copyright 2020 by *Gilmário Macêdo de Oliveira*

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação
Joselito Miranda

Editoração
ArtNer Comunicação

Capa
Roseilde Reis

Revisão de texto
Everton dos Santos

Imagens
Acervo pessoal e Divulgação

Impressão
Infographics

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

O49b Oliveira, Gilmário Macêdo de.
Breve crônica da radiologia sergipana ou da formação de um radiologista e a evolução do radiodiagnóstico./Gilmário Macêdo de Oliveira.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2020.

102p.: il.

ISBN: 978-65-990491-2-5

1. Crônicas – Radiologia Sergipana
I - Título

2. Radiodiagnóstico – Evolução

CDU : 821.134.3 : 6 (813.7) - 3

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 · joselitomkt@hotmail.com · <http://artner.com.br/>

Gilmário Macêdo de Oliveira

**Breve
crônica da
RADIO
LOGIA
SERGIPANA**

**Ou da formação de um radiologista
e a evolução do radiodiagnóstico**

Aracaju-SE

ArtNer
EDITORA
Comunicação

2020



O autor: Gilmário Macêdo de Oliveira

Prefácio

Gilmário Macedo gosta de escrever e escreve bem. Faz literatura boa de ler, inteligente, primorosa e suas lembranças, colocadas no papel, fazem-nos um bem ainda maior. Com prodigiosa memória, discorre sobre fatos marcantes da sua vida e suas histórias reavivam lembranças de garoto de calça curtas do interior, sonhos e desejos de adolescente, a realidade que se descortina na juventude e na fase adulta. Tive a oportunidade e o prazer de ler seus livros anteriores e também as suas crônicas nas antologias da Sobrames Sergipe, que organizo. Dessa vez ele traz uma grande contribuição para o resgate da História da Radiologia em Sergipe, especialidade que abraçou com afinco e competência, tornando-se uma referência na área, com serviços prestados aos grandes hospitais e clínicas de Aracaju. Não foi por acaso que chegou aos umbrais da Academia Sergipana de Medicina, na Cadeira 28, que tem como patrono um ícone da radiologia sergipana: Lourival Bomfim.

No capítulo que descreve os aparelhos radiológicos antigos encontrados no Hospital Cirurgia, a história se aviva. O seu relato do processo antigo de revelação das chapas radiográficas é de uma sutileza e tão rica de detalhes que impressiona, deixando-nos parecer que estamos presentes em todo o processo.

No Rio de Janeiro, na cidade grande, das grandes águas e das montanhas, com enorme desafio pela frente, de repente cai a ficha, como expressa na sua sensível poética: “Com cara de poeta caído da lua, enxergando com o olho da mente o mar

de conhecimento a se abrir diante de mim”, parte para a luta desprovido de recursos e de “costas largas”, tão necessários naqueles tempos, aliás, como ainda é nos dias de hoje.

Sua memória pessoal impressiona, notadamente, quando faz a descrição de cada um dos seus colegas da Residência Médica, com seus traços físicos e perfis psicológicos, com muito humor e irreverência. Não escapa nas suas observações, algumas repletas de picardia, o enxadrista Valdir, o diplomata Raimundo piauiense, os “erres guturais” de Valter Martins, o chefe Raimundo, de Vassoras e o coordenador Pedrosa, ambos muito queridos. Mas tinha ainda o Ruimar, que Deus já levou para o céu. A história do cheque de Paulinho Badaró, assinado somente Paulo Ba... (o resto estava escrito na parede), é impagável. A descrição que ele faz do colega Ruizito, o Ruth da Lapa, é genial: “Nos fins de semana, nas sextas-feiras venéreas, deitava carmim nos lábios, avivava as maçãs do rosto com rouge e acentuava os arcos das sobancelhas com lápis negro. Deixava cair sobre os ombros cachos dos cabelos em desalinho, envergava camisas florais e calças justas sobre as pernas, cintadas ao modo Saint-Tropez, as quais se abriam em boca de sino, na altura dos tornozelos. Usava tênis de salto baixo e sandálias rasteirinhas, e bamboleava ao andar. Punha um sinal de charme no canto da boca e, com uma bolsinha rendada a tiracolo, tomava o caminho da Praça Tiradentes. Acenava para os circunstantes de modo malicioso, virava os olhinhos e dizia:

— Vou apagar umas velas...

Numa certa tarde de verão, Ruizito maquiado, coroadado por uma bandana de seda, sustinha no peito um bustiê de lantejoulas, adaptado de uma cuequinha violeta ou rosa choque, a lembrança vacila entre esses dois tons... Pois bem, o nosso querubim entrou no carro de lixo do sexto andar - nosso alojamento - e

desfilou triunfante a distribuir beijinhos soprados para todo lado. O carro alegórico fez um giro completo pelo corredor, conduzido por um de nós. Quem era? Cartas para a redação, coluna dos mistérios!” Muito bom, caro Gilmário, o menino de Itabaianinha.

Nascido em 1950, naquela cidade da região sul de Sergipe, Gilmário Macedo tornou-se médico na nona turma da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Federal de Sergipe, em 1974. Abraçou com afinco e determinação a especialidade que sela diagnósticos, muitos deles difíceis, pela interpretação de imagens. Faz exatamente, do início até os dias de hoje, aquilo que sabe fazer, e fazer muito bem: dar diagnósticos precisos, não só pelo olhar acurado de radiografias e monitores, mas principalmente, e isso é extraordinário e louvável, pela correlação que faz com a clínica soberana. Só esse desempenho bastaria para colocar o nosso esculápio nos umbrais da glória, mas não, temos ainda por cima o médico humanista, discípulo de um outro humanista, o professor Lourival Bomfim, a quem dedica, nesta publicação, uma crônica de invulgar beleza, à altura do homenageado, digna dos grandes mestres da literatura. Sim, desponta agora o escritor Gilmário Macedo, autor de obras como O Caminho de São Tiago Está Vazio, invenção de Pirro e Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Itabaianinha, uma prosa memorialista que revela para todos sua grande inspiração, habilidade e versatilidade na arte de escrever.

Mais ainda, além do escritor e médico, conhecemos com mais detalhes nessa obra, o cidadão engajado nas lutas da categoria, no valiosíssimo discurso de colação de grau, representando os seus colegas, na liderança pela defesa dos residentes médicos, tão explorados nos anos iniciais, no pensamento filosófico dos primeiros movimentos na defesa do trabalhador médico e os primórdios da criação do nosso Sindicato dos

Médicos e da Associação de Radiologia, em tudo isso se revela a participação ativa e altiva desse missionário hipocrático.

Não foi, portanto, sem razões que Academia Sergipana de Medicina o entronizou na Cadeira 38 que tem justamente como patrono o inolvidável Lourival Bomfim. O homem certo na cadeira certa.

A leitura de *Breve Crônica da Radiologia Sergipana* deu-me a singela oportunidade de **conhecer** melhor a trajetória de vida desse cidadão do bem, médico, escritor, poeta e, acima de tudo, um ser iluminado e pleno de inteligência.

Lúcio Antônio Prado Dias

Membro das Academias Sergipana de Letras e de Medicina e presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional Sergipe.

Sumário

Prólogo.....	11
Foto Oity.....	13
Tubo de Crooks.....	15
Praça da Cruz Vermelha	17
O primeiro dia.....	19
Salto quântico	22
Interfaces	25
Ano lustral	30
Galeria dos professores.....	39
Palavras de praxe.....	42
Turma do INCA (1975-1977).....	52
A guerra dos pegadores.....	54
Alagamento aéreo.....	55
O enxadrista.....	57
O corredor.....	58
Pistolinha	58
Não tem condições.....	59
Carro alegórico	60
Nome na parede	62
I Jornada de Radiologia.....	63
Alcança grande sucesso a Jornada Sergipana	63
Instalada solenemente a Sociedade Sergipana de Radiologia	65

Carta a um amigo que não me pode ouvir	67
Fundação do Sindicato dos Médicos de Sergipe	69
Trabalho socialmente necessário	72
Preço	73
Sindicato e sindicalismo	74
Para publicar no Jornal da Somese	76
Ao cadáver desconhecido.....	78
Tentações manauaras	79
Epílogo	80
Epígrafe	81
Lourival Bonfim	82
Epílogo	93
Anexos.....	96
Radiologistas (1970 a 2000).....	100

Prólogo

Por volta de 1955, uma força-tarefa da Saúde Pública acampou na Praça Olímpio Campos de Itabaianinha. Um grande dossel de lona encerada - à maneira de uma cúpula de circo - foi erguido. Uma vez instalado o dispensário destinado à vacinação contra varíola e tuberculose, a população foi convidada para ali comparecer. Os alto-falantes da *Voz do Comércio* e do Cine Pax fizeram os chamamentos. Pregoeiros percorreram os logradouros a convocar os habitantes e a distribuir os panfletos concernentes à Campanha de Vacinação e ao Cadastro Torácico.

Na manhã dedicada aos escolares, os diretores e professoras aprestavam as turmas e com elas se dirigiam para a Tenda da Saúde, em ordem e disciplina. Após serem feitas as fichas de identificação, os agentes sanitários depositavam gotas da vacina Sabin sob a língua, e, a seguir, a pele do ombro de cada um era escarificada por agulha, e o vírus da varíola era inoculado.

O cortejo continuava até o abraço desconfortante com a tela da Abreugrafia. Ali éramos instruídos a colocar as mãos sobre os quadris, encher o peito de ar, prender e esperar a voz de comando para soltar o ar.

Algumas pessoas, a contragosto, levavam suas crianças para cumprir o determinado pelas autoridades. Todavia, ao retornarem para suas casas, esfregavam limão sobre a ferida do inóculo, pois, desse modo, a vacina “não pegava”. Havia um rumor - infundado - de que a filha do prefeito adoecera do coração em decorrência duma “valcina”.

Todos tememos ser tocados pelo desconhecido, nos dizia o professor Antônio Ayres, farmacêutico e fundador do Colégio Serano. A cobertura foi total entre os alunos daquele Educandário.

Aquela era uma notícia factual, derivada do arroubo místico de quem filosofisma...

A verdade é que a jovem era portadora de uma cardiopatia congênita. Mas para quem é dado aos boatos, para quem mente e não sente, os cinco minutos de glória oferecidos pela mentira trazem um arrepio de gozo...

Estava eu com cinco anos de idade, e a mágica dos Raios-X ainda não me havia encantado.

Em 1964, nossa família veio de mudança para Aracaju. Minha irmã mais velha havia sido matriculada no Colégio São José para o Curso Normal - Magistério - e meu irmão mais velho entrou para o Curso Clássico do Colégio Estadual. Por minha vez, entrei para o curso ginásial do Atheneuzinho.

Era norma sanitária, àquela época, fazer exame de escarro para identificação do Bacilo de Koch e passar pela Abreugrafia. Esta se realizava no Palácio Serigy, situado na Praça General Valadão. Devíamos comparecer em jejum. Uma tortura, pois ao lado funcionavam as torrefadoras de café - a Império e a Sulamericano.

Ao amanhecer, carros de propaganda circulavam pelas imediações a tocar em alto e bom som seus reclamos:

“Eu gosto, você gosta do Café Sulamericano / É café do bom eu não me engano / Sulamericano / Sulamericano!”

“É sério / Café só Império!”

O técnico Souza, titular da Abreugrafia, era carinhosamente chamado de “ferro de engomar”, pois só trabalhava “quente”. Exalava um hálito etílico, tinha os dedos tarjados de nicotina e usava um jaleco azul enodado por manchas castanhas, deixadas no tecido pelos fotoquímicos reveladores das imagens capturadas pelo fotofluorógrafo.

Foto Oity

Após sairmos da sala de Abreugrafia, íamos até a Praça Valladolid, defronte do Palácio Serigy, para a fotografia 3x4.

Esta seria anexada ao quadrinho do filme de Raio-X. Sentávamos num banquinho, e o lambe-lambe nos apresilhava um peitilho encardido, donde pendia uma gravata preta fumbambenta, um colarinho ensebado e um guarda-corpo de paletó, duro e entretelado, do qual exalava uma inhaca de suor velho. O fotógrafo, então, ajustava a lente da máquina, ficava por trás da caixa fotográfica e se cobria com um véu negro. Com uma das mãos retirava o obturador do canhão de luz enquanto instruía:

— Não se mexa. Pronto! Pode sair.

Em coisa de cinco minutos estava revelada a nossa imagem. A gente pagava e recebia uma dúzia de fotos em preto e branco. Duas eram encarteladas num quadrinho de cartolina. Valtinho, um colecionador daqueles instantâneos, costumava rondar por aquela galeria de arte popular, ao ar livre e sob os frondosos oitizeiros, quando se propunha a comprar uma ou mais fotos de quem quisesse vender. Mais uma vez, me vi diante dos mistérios da luz capturada pelos cristais de prata, da negra prata a rodear os tons de cinza e branco de nossas fisionomias. Ainda hoje tenho fotografias daquela época, as quais ganharam um tom sépia nostálgico da inocência enclausurada num granulado papel salpicado pelo tempo.

Depois de concluir o curso de ginásio, passei para o curso científico, o qual transcorreu no Colégio Estadual de Sergipe.

Em 1969, passei pelo vestibular para a Faculdade de Medicina e, uma vez aprovado, cumpri as disciplinas básicas. Já no sexto ano do curso seriado, cumpri o estágio livre em Radiologia, sob a orientação do professor Airton Teles. A parte prática foi ministrada pelo mestre Lourival Bonfim. Havia, num corredor do serviço de radiologia do Hospital de Cirurgia, um vetusto aparelho Westinghouse, o primeiro instalado naquele serviço. Era uma peça de museu e impressionava pela arquitetura gigante, que lembrava um megatério. Alguém o batizara de D. Pedro II. Esse aparelho exibia uma cor negro-oliva, tinha uma superfície rugosa, e o braço de sustentação vazio, já destituído do tubo emissor, se assemelhava a uma pinça de caranguejo.

